OPEN ACCESS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PUCRS

CIVITAS
Revista de Ciências Sociais
Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política

Civitas 26: 1-11, jan.-dez. 2026
e-ISSN: 1984-7289 | ISSN-L: 1519-6089

DOSSIÊ: RESSONÂNCIA E DIAGNÓSTICOS DO TEMPO PRESENTE

Da práxis à ressonância: caminhos para superar um déficit normativo

From praxis to resonance: overcoming a normative deficit

De la praxis a la resonancia: caminos para superar un déficit normativo

Lara Bortolusci Leporati[1]
orcid.org/0000-0002-7466-2205
lara.leporati@uni-erfurt.de

Recebido: 30 ago. 2025
Aprovado: 30 jan. 2026
Publicado: 08 abr. 2026.

Resumo: Neste trabalho, procuramos compreender como a relação entre sujeito e mundo, na teoria da ressonância, consegue recuperar e superar parte do projeto normativo do jovem Marx, discutindo sobre o que seria o outro lado da alienação. A ressonância apresenta concepções multidimensionais da relação sujeito-mundo, que podem ser observadas através dos eixos horizontal, diagonal e vertical, e amplia as possibilidades relacionais e a significação do objeto. Nesse sentido, argumentamos que o conceito procura superar a unilateralidade do paradigma sujeito-objeto ao mesmo tempo que recupera a multirrelação encontrada na ideia de atividade sensível, presente nos *Manuscritos de 1844*. Assim, a proposta normativa da ressonância também procura lidar com as contingências e variações culturais das sociedades, ao mesmo tempo que encara o problema do déficit normativo nas teorias sociológicas nos últimos tempos.

Palavras-chave: Ressonância. Alienação. Déficit normativo.

Abstract: In this paper, we explore how resonance theory addresses the relationship between the subject and the world, and how it recovers and overcomes aspects of the normative project of a young Marx's discussion of the other side of alienation. Resonance theory offers a multidimensional conception of the relationship between the subject and the world, which can be observed through horizontal, diagonal and vertical axes. This expands the relational possibilities and meaning of the object. We argue that this concept overcomes the unilateral nature of the subject-object paradigm by recovering the multi-relationship found in the idea of sensitive activity in the *1844 Manuscripts*. The normative proposal of resonance therefore also seeks to address the contingencies and cultural variations of societies while tackling the issue of normative deficit in recent sociological theories.

Keywords: Resonance. Alienation. Normative deficit.

Resumen: En este trabajo, buscamos comprender cómo la teoría de la resonancia logra recuperar y superar parte del proyecto normativo del joven Marx al abordar el otro lado de la alienación. La resonancia presenta una concepción multidimensional de la relación sujeto-mundo que puede observarse a través de los ejes horizontal, diagonal y vertical, lo que amplía las posibilidades relacionales y de significación del objeto. En este sentido, argumentamos que este concepto busca superar la unilateralidad del paradigma sujeto-objeto y recuperar la multirrelación presente en la idea de actividad sensible de los *Manuscritos de 1844*. Así, la propuesta normativa de la resonancia también busca abordar las contingencias y variaciones culturales de las sociedades, al tiempo que aborda el problema del déficit normativo de las teorías sociológicas más recientes.

Palabras clave: Resonancia. Alienación. Déficit normativo.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença CC-BY 4.0, que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

Introdução

Ao longo da institucionalização das ciências sociais, o tema das

[1] Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil.

normatividades na teoria sociológica tornou-se cada vez mais complexo e difícil de ser debatido. Um dos motivos para tal dificuldade decorre do crescente afastamento institucional perante as preocupações filosóficas, especialmente aquelas que poderiam auxiliar na imaginação de referências ou relações que constituem os seres humanos. Embora faça parte do processo de superação dos problemas de engendramento conceitual fundacionalista sobre o ser humano e do eurocentrismo das concepções, o afastamento trouxe alguns entraves à construção de análises sobre a formação do social, especialmente no que se refere ao diagnóstico dos processos de patologização do social (Chernilo 2017; Honneth 2007).

Neste trabalho, procuramos compreender como a teoria da ressonância vem buscando construir um conceito descritivo e normativo da relação sujeito-mundo em comparação ao projeto filosófico da teoria da alienação marxiana, apontando caminhos para enfrentar os determinismos e essencialismos epistemológicos na sociologia sem deixar de lado o debate das concepções sobre o humano. Sob esse prisma, nossa análise é feita em referência às superações e continuações do projeto normativo nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, de Marx (2010). Essa escolha foi feita a partir da compreensão de que a teoria da ressonância se apresenta como uma das revitalizações em torno do conceito da alienação. Argumentamos que a dimensão relacional do humano com o mundo, presente na teoria do jovem Marx por meio do paradigma sujeito-objeto, é reconstruída na teoria de Rosa através da expansão para o paradigma sujeito-mundo.

No primeiro tópico deste artigo, debruçamo-nos sobre o que chamamos de déficit normativo na sociologia, caracterizado pelo distanciamento da disciplina em relação à filosofia social e pela ausência de conceitos "positivos" sobre o social ou a formação humana, os quais ajudariam a imaginar o que é o humano e a constitutiva articulação do indivíduo com o mundo. No segundo e no terceiro tópicos, navegamos pelos textos dos *Manuscritos* e da teoria rosiana em um movimento de explicação e análise comparativa de ambas as propostas normativas.

Construímos uma análise procurando ressaltar as superações da teoria da ressonância e sua abordagem descritivo-normativa, ampliando o significado do objeto enquanto parte da mencionada interação formativa, observável por meio dos eixos de ressonância. Mostramos a tentativa de superação do paradigma sujeito-objeto, em que o objeto não é mais o mediador da relação entre o sujeito e o mundo. Enquanto conceito em movimento, com afetação mútua entre as partes integrantes, a ressonância procura um mediador dessa relação (*zwischen Aktiv und Passiv*).

O déficit normativo na sociologia

O déficit normativo na sociologia se caracteriza pelo afastamento da disciplina frente às concepções sobre o ser humano. Adentramos esse debate pela necessidade de compreender como conceitos clássicos da sociologia, tal qual a alienação, exigem uma referência normativa que aponte o seu "outro lado", de modo a encarar o que está sendo estranhado.

Chanial (2018) argumentou que a sociologia não deveria se prender ao seu repertório de análises obscuras do reino social. Segundo o estudioso, isso deveria se refletir na substituição de uma sociofobia do social por uma sociofilia que deixasse transparecer o lado luminoso das experiências sociais. Para autores como Vandenberghe (2015) e Chernilo (2017), a sociologia deveria se reaproximar da filosofia social para lidar com seus diagnósticos patológicos. Porém, para retomar essa questão nos dias atuais, é preciso levar em consideração uma série de transformações epistêmicas e políticas no campo das humanidades.

Tais transformações, como o antifundamentalismo da virada linguística wittgensteiniana no campo filosófico, o debate da incomensurabilidade de Thomas Kuhn (2017) e o redirecionamento da dominação do conceito e da autoridade do sociólogo (Boltanski e Thévenot 1999), procuram lidar com os problemas de concepções deter-

ministas, fundamentalistas e eurocêntricas do que seria o ser humano. Pensar nas concepções normativas sobre o humano, nesse contexto, exige levar em consideração um repertório variado de referências que auxiliem na interpretação das formas pelas quais nos constituímos em relação ao mundo, e não uma concepção unilateral da essência que nos caracterizaria.

Em vista disso, o projeto de Daniel Chernilo em *Debating Humanity* (2017), por exemplo, propõe um catálogo de teorias que trabalham determinadas características do ser humano. O sociólogo se baseia em três pilares de justificação para pensar o debate sobre o humano na sociologia: (1) as características antropológicas definidoras do que é humano, apesar de independentes da vida social, não se realizam fora dela; (2) embora lidemos com um cenário multicultural, tais características ainda são a maneira de alcançar normatividades que auxiliem a formular concepções de justiça, identidade, dignidade e boa vida; e (3) essas referências são universais e, portanto, irredutíveis às posições materiais ou socioculturais que os seres humanos ocupam na sociedade, pois dependem da capacidade humana de refletir sobre o que nos torna humanos. Chernilo também critica a renúncia da sociologia em pensar o sujeito, reduzindo-o à ideia de um *homo sociologicus*, caracterizado de acordo com o desempenho de seu papel social. Na concepção do autor, negligenciar as referências que constituem o humano acaba produzindo reduções unilaterais das possibilidades normativas (Chernilo 2017).

Desde os clássicos da sociologia, como Weber e Marx, há uma preocupação em entender o que faz o ser humano um humano ou que tipo de experiência o capitalismo corrompe com seus processos de alienação e desencantamento. No jovem Marx, por exemplo, o trabalho não alienado — condição para a autoconsciência dos sujeitos — seria uma demonstração de como referências fortes sobre o processo que nos constitui foram importantes para o diagnóstico da crise do sistema capitalista (Honneth 2007, 13). Nesse sentido, os clássicos ofereceram à sociologia um programa empiricamente orientado e normativamente informado (Chernilo 2017).

A autorrealização dos seres humanos seria o conceito-chave de compreensão dos clássicos da filosofia social. Desde Rousseau, seu fundador, procurou-se compreender o que impediria essa autorrealização, com o desenvolvimento de conceitos para o diagnóstico patológico referente ao mal-estar nas sociedades modernas (Honneth 2007). Caberia, portanto, não somente se referir ao conceito patológico, mas também pensar o que seria a autorrealização ou perguntar a qual critério poderíamos recorrer para refletir sobre ela.

Procurando enfrentar esses problemas em sua teoria crítica, de forma a examinar criticamente o diagnóstico da crise das sociedades modernas, Honneth (2007, 41-42) fez a seguinte pergunta: "como estabelecer critérios plausíveis para um julgamento ético das relações sociais, com um pressuposto universalista que seja convincente e que, por outro lado, não implique em rupturas com as considerações éticas que imperam nas diversas formas de vida?"

Projetos como os de Hartmut Rosa, de viés relacional, têm tentado retomar conceitos que se encontram no seio da sociologia clássica, propondo uma referência normativa da nossa relação com o mundo. Esse foco de análise permite trabalhar com uma dimensão mais abrangente da formação do sujeito e menos ontológica. A alienação, conceito presente no berço do pensamento marxiano, é retomada junto com o projeto de pensar a boa vida a partir de um critério *ético de avaliação das relações entre o sujeito e o mundo*.

Nos próximos tópicos, faremos comparações entre as teorias normativas do diagnóstico da alienação de Marx, com ênfase nos *Manuscritos de 1844*, e a teoria da ressonância, a fim de compreender alguns dos caminhos para superar os déficits normativos.

A atividade constitutiva do ser humano na teoria da alienação do jovem Marx

Em Marx (2010), o fenômeno da alienação deriva de uma relação de estranhamento entre o sujeito e o objeto, em consequência da cisão entre ambos no modo de produção capitalista.

Enquanto fenômeno atribuído aos processos de dominação do capitalismo na vida do proletariado, a alienação é a redução e o apagamento do significado da atividade constitutiva, que tem, segundo Marx, o trabalho como atividade sensível e observável historicamente. Tal conceito encontra sua exegese em um esquema de argumentação que se sustenta em um compasso normativo, levando em consideração o desenvolvimento do humano na sociedade ao longo da história. Ou seja, trabalhar esse conceito na teoria marxiana significa levar adiante o olhar para certa antropologia filosófica e os pressupostos normativos de Marx, que vêm sendo um dos aspectos negligenciados para uma compreensão geral desse sistema de pensamento (Souza 2024).

A antropologia filosófica de Marx apresentou uma relação de autocriação do ser humano fundamentada na relação desenvolvida com o trabalho como atividade sensível, em que um processo de expressão e criação, no e através do social, pode ser observado (Souza 2024; Vandenberghe 2012). Por exemplo, a experiência estética que teríamos com o objeto poderia ser uma exemplificação de que não somos movidos apenas pela satisfação pura de nossas necessidades. Seríamos "ser-espécie" em desenvolvimento e desenvolvendo o mundo através dessa atividade humana sensível na história.

De acordo com esse diagnóstico, o trabalho no sistema capitalista ganha características diferentes do seu significado para a formação humana. O objeto, que deveria ser parte de um processo íntimo e apropriativo, produzindo significado e dando sentido para o sujeito, consiste em uma relação distanciada, na qual o indivíduo não se reconhece na sua própria criação. Por isso, quanto mais o trabalhador produz, mais empobrecido ele fica. Diferentemente do conceito de externalidade, que compõe a relação formativa sujeito-objeto, na qual o objeto se torna algo que se externaliza aos sujeitos e, com isso, pode se relacionar com eles, a alienação é a perda da autonomia e a servidão humana ao objeto.

Marx apontou a existência de uma conexão materialista entre os seres humanos, dependente das relações de produção que podem ser observadas na história a partir do desenvolvimento do trabalho enquanto atividade constituinte. Essa interpretação também parte da premissa de que existem atributos organizadores da nossa relação com a vida: a consciência, a divisão do trabalho, a força produtiva e o estado social. Com a fragmentação do conjunto dessas atribuições, marcada pela expansão da ideia liberal burguesa de propriedade privada, o significado do trabalho foi esvaziado e substituído pela alienação dos processos de formação constituídos na relação entre sujeito e objeto.

Uma das características centrais da divisão do trabalho na teoria marxiana é a dissolução da diferença entre o capitalista e os proprietários fundiários, introduzindo duas classes: a dos trabalhadores e a dos capitalistas. As principais ideias sobre a miséria do sujeito e a transformação do ser humano em mercadoria são expressas dentro desse sistema de divisão de classes, mediante os detentores da propriedade privada, que demarcam a coisificação e a desumanização das relações de trabalho na história.

Nessa separação, o problema da propriedade privada se refere ao detimento dos produtos do trabalho alheio (Marx 2010, 39). A diferença entre ela e a propriedade fundiária feudal está na relação de posse. No feudo, o senhor da terra é como um "rei" e seus servidores se tornam propriedades daquele "reinado"; já no sistema capitalista, busca-se suprassumir (*aufheben*) essa aparência, tornando a propriedade uma mercadoria. Assim, a relação de exploração do trabalhador pelo proprietário é associada ao capital (Marx 2010, 75). Ou seja, a mediação da divisão do trabalho não é mais a servidão em torno da mística da propriedade, é tratada de forma racional. As relações de exploração se escondem e vão se objetivando na produção estranhada de mercadorias e objetos, distanciando o sujeito de sua práxis. O senhor do trabalho já não é o senhor do feudo, é o capital, em que o processo de autonomização do social e dos objetos se torna alheio aos próprios produtores.

O trabalho, transformado em mercadoria, pro-

duz a miséria a partir da coisificação da relação que o ser humano tem com o objeto da sua atividade prática sensível. A referência à atividade prática humana sensível condiz com a ideia de que o trabalho pertence ao próprio sujeito. O trabalho, como atividade constitutiva, é o que dá significado e possibilita externalizar o potencial expressivo e criativo do humano. Essa relação com o objeto cria uma aproximação do sujeito com a sociedade e consigo mesmo. O estranhamento evidencia que o resultado do trabalho, o objeto, não pertence mais a quem o produziu e que o ato de produção torna-se alheio ao produtor (Marx 2010, 83).

O humano é compreendido como um ser social capaz de produzir e criar a partir daquilo que o mundo sensível lhe apresenta. Na condição do trabalho não alienado, há um ideal de autorrealização relacionado à vida humana, uma pressuposição antropológica que sustenta o trabalho enquanto atividade apropriada, como a autorrealização do ser genérico (Marx 2010, 84). A ideia de que o comunismo é a suprassunção da propriedade privada, o retorno do homem para si, está carregada dessa antropologia, concebida a partir da dimensão formativa entre sujeito e objeto. No comunismo, a propriedade privada e o capital não seriam os mediadores das relações humanas, seria a sociedade em seu significado compartilhado. A própria existência do ser humano é atividade social, porém essa atividade e sua fruição precisam estar mediadas na coletividade, efetivando-se "em toda parte onde aquela expressão imediata da sociabilidade se fundamenta na essência do seu conteúdo e esteja conforme a sua natureza" (Marx 2010, 107).

O problema da objetivação do trabalho está na perda da apropriação, pelo sujeito, do processo de produção, o qual tem a finalidade única de suprir carências externas. O homem, como ser omnilateral — ou seja, que se forma de acordo com suas múltiplas relações —, se conecta ao mundo de maneira multidimensional[2] e, portanto, total. Reconhece-se o indivíduo como um ser social, cuja relação com o trabalho se articula aos pressupostos do que é o humano, e isso distingue o sujeito como um ser omnilateral, vinculado a diversas dimensões de um processo formativo.

A condição de voltar-se para si via processo apropriado, não somente pelo resultado final do produto, mas também pelo ato de produção, exige autonomia da práxis, eixos de justiça social e reconhecimento, que seriam reivindicados por um sujeito da história: o proletariado. A dimensão formativa sujeito-objeto construída na teoria da alienação para imaginar o "não alienado" tem grande importância no desenvolvimento desse projeto normativo. Tal projeto procura lidar com a crítica oferecendo normatividade para entender as patologias do social. Contudo, o direcionamento da atividade constitutiva baseada na composição relacional sujeito-objeto e em sua análise, que foca o trabalho como elemento da relação formativa do ser humano na história (e, portanto, ancora-se em uma antropologia filosófica), gerou uma série de debates ao longo dos anos, pois essa formulação se tornou insuficiente para imaginar as diversas formas por meio das quais os sujeitos se constituem na vida social.

O entendimento do objeto como principal mediador da formação humana em relação à atividade foi ganhando novos contornos e superações. A crítica habermasiana procurou acentuar o problema da chamada "filosofia do sujeito" — em que o paradigma da linguagem e, portanto, da intersubjetividade, é reduzido pelo enfoque da mediação do objeto —, questionando o apagamento da ação restrita à sua objetivação. Benhabib (1986) apontou que a antropologia humana marxiana, vinculada ao sujeito coletivo constituído por meio do trabalho, também reduziu as possibilidades pelas quais a autoexpressão do sujeito é concebida no mundo, inclusive no tocante à relação estética, que não estaria circunscrita à mesma lógica de objetivação do trabalho.

Tais críticas são relevantes para o campo da

[2] "A apropriação sensível da essência e da vida humana, do ser humano objetivo, da obra humana para e pelo homem, não pode ser apreendida apenas no sentido da fruição imediata, unilateral, não somente no sentido da posse, no sentido do ter. O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto, como um homem total" (Marx 2010, 108).

teoria marxista e advêm de interpretações acerca dos *Manuscritos*. Por meio dessas problematizações, o conceito de atividade formativa pode ser pensado para além do trabalho enquanto dimensão central da constituição do sujeito e de sua relação com o mundo.

Enquanto teoria contemporânea, a ideia da ressonância apresenta algumas aproximações, superações e distanciamentos quanto ao projeto normativo dos *Manuscritos*. A ressonância vai além da dimensão sujeito-objeto, ampliando o paradigma ao não se limitar ao objeto como mediador da relação humana com o mundo, mas ainda guarda o projeto de pensar o processo formativo dos sujeitos e suas possibilidades multirrelacionais.

Um projeto sociológico da relação sujeito-mundo

O programa de Hartmut Rosa (2023a) procura realizar um *best account* por três caminhos: (1) análise da formação social na modernidade, em um nível estrutural e cultural, direcionada pela teoria da aceleração; (2) diagnóstico ou crítica, com vistas a identificar processos de alienação relacionados ao sofrimento dos sujeitos na sociedade; (3) abordagem "terapêutica", que procura explorar normatividades para auxiliar a sociedade na resolução dos problemas sociais identificados com base na análise e no diagnóstico realizados. O conceito de ressonância, como critério da última dimensão, procura refletir sobre o que é a boa vida, pensando em possibilidades capazes de ajudar a sociedade a produzir caminhos e saídas para o diagnóstico da alienação provocada pelos processos estruturais e culturais do regime temporal da aceleração.

As primeiras etapas do *best account*: a dimensão analítica e o diagnóstico do tempo

No projeto da modernidade, a boa vida estaria associada à conquista de individualidade, autorreferência e autonomia dos sujeitos, em contrapartida às antigas ideias sobre o papel da comunidade em relação aos indivíduos. A análise de Rosa (2023a) pretende capturar as contradições das normatividades estruturais e culturais associadas à promessa de emancipação da modernidade. Por exemplo, procura-se apontar como as contradições relativas aos direitos e reivindicações da diferenciação, às concepções de neutralidade sobre a inferência do bom e do ruim ou à competição enquanto critério de conquista pelo mérito são articuladas dentro de um regime estrutural e cultural da aceleração social.

Quando percebida como normatividade para obter a boa vida, a aceleração social das estruturas temporais não cumpre a promessa da modernidade pela busca por emancipação (Rosa 2022, 74). O regime temporal da aceleração, forma pela qual a sociedade moderna se desenvolve, contrai o presente enquanto procura fazer com que o espaço e o tempo fiquem disponíveis, acessíveis e alcançáveis. Torna-se o processo normativo e o meio com que indivíduos, nações e grupos obtêm sua liberdade, emancipação e autonomia.

A estabilização dinâmica das sociedades capitalistas aceleradas é traduzida por uma lógica escalar, em que a métrica do sucesso da vida pessoal, das economias, dos países e dos grupos sociais está associada a uma engrenagem marcada por uma estagnação acelerada. Como na metáfora da roda do *hamster*, viver conforme o regime de aceleração é como correr sem sair do lugar. Mesmo com as possibilidades de alcançar o mundo por meio da redução de distâncias espaciais — do metrô à internet —, o tempo se comprime em uma fração do presente.

Nessa análise, segundo a qual as normas da aceleração se tornam a forma inquestionável de alcançar a boa vida, encontram-se diversas consequências que apontam para o diagnóstico das patologias sociais. Um dos exemplos atinge diretamente o déficit normativo assinalado no tópico anterior. A relativização de critérios formais para diagnosticar a boa vida, pautada na ideia de que é exclusivamente o indivíduo quem produz suas próprias concepções de bem viver, se torna uma das maneiras de reduzir os processos da crítica. A ausência de critérios formais mascara

as condições desiguais em que, por exemplo, os recursos necessários para se ter autonomia são buscados no regime de aceleração, aparentemente neutro em relação às individualidades.

Os critérios de boa vida baseados na individualização e na neutralidade social não são categorias livres de coerções externas. Eles se sustentam em uma engrenagem escalar, que mantém o sistema da aceleração guiado pelo ideal de boa vida *Triple A: available, attainable and accessible*. Quanto mais recursos eu alcanço, acesso e tenho disponíveis, mais perto de ser bem-sucedido eu sou. Por exemplo, no campo da arte, os critérios que definem o que é ser um artista bem-sucedido são cooptados pelo parâmetro do mercado, isto é, quem tem mais recursos e capitais culturais consegue ser o mais bem-sucedido (Heinich 2005). A autorrealização depende desses critérios de busca do sucesso pelo *Triple A*. As avaliações passam a ser guiadas por um individualismo da autorrealização, mascarando as contradições das formas de atingir o sucesso.

O diagnóstico cognoscível, portanto, é o das inúmeras contradições que a promessa de alcance, acesso e disponibilidade coloca, visto que a pobreza, a desigualdade global, a crise climática e o sofrimento psíquico são fatores permanentes e crescentes nas sociedades aceleradas. Assim, a alienação é retomada enquanto conceito atinente ao diagnóstico das sociedades tardomodernas, procurando-se apontar os impactos produzidos pelo mecanismo de reprodução desse sistema e das suas formas de vida por meio da estabilização acelerada.

Nesse sentido, o estranhamento dos sujeitos em relação à sua vida e ao mundo é um fator de grande escala. Podemos observar como o *burnout*, os altos índices de depressão, a fome e a miséria crescem e provocam diretamente a experiência de sofrimento das pessoas, que ainda correm em uma espécie de esteira elétrica para atingir o sucesso pela métrica do *Triple A*. Na cadeia econômica mundial, essa lógica escalar é ainda mais visível. O crescimento econômico afeta diretamente a forma como os países se relacionam entre si por meio de uma competição desigual, em que nações do chamado Sul Global somente ganham sua autonomia mediante o acesso a recursos que viabilizem um desenvolvimento econômico equivalente ao das grandes economias.[3]

O *best account* de Rosa (2023a, 103) apresenta uma proposta sociológica de investigação em que os fenômenos deveriam ser interpretados da melhor forma possível. A experimentação dos sujeitos na sociedade é aliada a outras interpretações para elucidar a contradição dos processos de autorrealização. Tanto em uma dimensão individual quanto coletiva, isso é influenciado por um exame da formação social, que se divide em análise, diagnóstico e uma proposta de entendimento da nossa relação com o mundo. Desse modo, a teoria não ignora as experimentações dos sujeitos (alegrias e dissabores) e, nas sociedades, procura o que há de errado, questionando a causa dos sofrimentos.

A ressonância enquanto conceito da relação sujeito-mundo

O diagnóstico sociológico se defronta com a questão de que é preciso imaginar critérios "positivos" para compreender por que uma relação está alienada. Se pudéssemos descrever brevemente o conceito de ressonância, poderíamos dizer que ela é *uma forma de relação com o mundo* imprevisível, que precisa, necessariamente, superar seu contraponto, a alienação (Rosa 2019). É uma relação com o mundo vibrante, responsiva e aberta, de afetação mútua. As coisas e o mundo se ouvem e se respondem com suas próprias vozes, ocasionando uma *transformação assimiladora* (Rosa 2019). O caráter dialógico de escuta e fala determina uma relação de *responsividade*, em que se busca uma resposta do mundo na *expectativa* de obter *autoeficácia*.

[3] Essa concepção de crescimento já se mostrou ilusória, na medida em que as cadeias de mercados não seguem uma linearidade evolutiva na história do seu desenvolvimento. As periferias e semiperiferias são polos que mantêm grande parte do capitalismo nos centros econômicos (Beck 1986; Arrighi 1998).

A ressonância se baseia na compreensão de que sujeitos se constituem a partir de sua relação com o mundo, havendo dependência entre as partes. O sujeito experimenta o que há no mundo dado, que também responde a ele. O mundo é aquilo que encontramos: o objeto, o outro, a cultura, tudo com o que é possível constituir uma relação ativa e passiva, a qual se impõe às experiências do sujeito, reagindo ao que encontra. O mundo é onde obstáculos se impõem aos sujeitos e oportunidades atraem as pessoas (Rosa 2019).

Os processos estruturais e culturais da aceleração impedem que eixos de vibração possam acontecer. Inclusive, os esforços para controlar as relações vibrantes, que são incontroláveis, se tornam uma forma de reificá-las. Por isso, a ampla disponibilidade de produtos e serviços para consumo que garantem certa felicidade não resolve os problemas dessa crise; pelo contrário, é parte da sua perpetuação. A disponibilidade do mundo através dos motores da aceleração não faz com que ele se abra mais ao sujeito. Logo, a categoria "|mundo", que abrange uma série de possibilidades relacionais, precisa, assim como o sujeito, impor-se como parte dessa relação fenomenológica.

Portanto, a relação ressonante precisa gerar uma transformação assimiladora, em que ambos os lados se afetem mutuamente. Isso não significa que essa relação seja harmônica. Em uma exposição de arte, por exemplo, pinturas associadas a medo, angústia ou tristeza podem causar tal transformação, isto é, o percurso no museu é capaz de nos afetar. A curadoria do museu, ao escolher transmitir uma mensagem, pode causar esse efeito relacional. Do mesmo modo, durante a conversa que temos com quem nos acompanha na exibição, as discordâncias ou os acordos podem se afetar mutuamente e fazer dessa experiência um amplo processo fluido, um movimento de conexões ressonantes no nosso dia, em que eixos de ressonância se abrem e se fecham.

As relações de ressonância são encontradas dentro das múltiplas possibilidades da constituição sujeito-mundo. Como vimos no exemplo acima, pode acontecer uma relação de sujeito para objetos, de objeto para sujeito, de sujeito para sujeitos ou entre instituição e sujeito. Esses encadeamentos constituem eixos de ressonância, que são esferas nas quais relações vibrantes ocorrem, ou seja, nas quais o fenômeno relacional se dá na sociedade e na história.

Essas esferas compreendem três eixos: horizontal, em que se estabelecem relações solidárias, amistosas, amorosas e políticas; diagonal, em que a relação é percebida pela interação com as instituições, os símbolos e os objetos; e vertical, em que a ressonância aparece nos eixos totalizantes, como religião, natureza, arte e história (Rosa 2019). Tais esferas são procuradas pelos sujeitos como uma forma de anseio por relações vibrantes e interligam-se, porquanto não são isoladas umas das outras. Podemos visualizar como os eixos da ressonância se entrecruzam no exemplo de um conjunto musical: na dimensão horizontal, os indivíduos precisam ouvir e responder uns aos outros, ao mesmo tempo que têm de responder à dimensão vertical, a arte, pois construíram uma relação com seus próprios instrumentos.

Trata-se de um processo multirrelacional que enfrenta diversas dificuldades e precisa estar aberto para que uma música possa ser executada. Ele se apresenta de forma omnilateral, não unilateral, e foca o processo de reciprocidade mútua entre o ativo e o passivo. Contudo, eixos de ressonância, além de se entrecruzarem, se fecham, não somente à medida que o sistema de aceleração vai colonizando o mundo da vida, mas também porque as partes que possuem suas próprias vozes não estão (nem podem estar) disponíveis o tempo todo.

Nesse sentido, gostaríamos de chamar atenção para a expansão da categoria objeto, já que esta faz parte de uma relação formativa presente nas possibilidades da categoria mundo. Um livro possui sua própria voz enquanto objeto que afeta. Ele pode afetar porque apresenta uma extensão de significados que não se limita à sua narrativa, ele produz uma demanda própria que confronta o leitor por meio da multiplicidade de significados

que abrange, seja pelo contexto em que é lido e produzido ou pela memória que possui. O livro é escrito em um contexto, carrega mensagens produzidas, ou seja, o seu processo de produção passou por diversos eixos relacionais, que vão desde as esferas horizontais até as verticais. Nos eixos verticais de ressonância, como a arte e a religião, a transcendência de uma dimensão não se restringe à mediação do objeto, mas também expressa a expansão de significados e sentidos do que torna aquele eixo possuidor de significação externa ao sujeito e que se impõe ao indivíduo para que relações ressonantes sejam possíveis.[4]

De certa forma, essa concepção se aproxima da antropologia filosófica e da ideia de que os sujeitos se relacionam omnilateralmente — conceito que aparece no jovem Marx. Também não descarta o objeto como uma voz externa capaz de afetar o outro, mas não reduz o objeto a mediador dessa relação. Portanto, a ressonância baseia sua imagem descritiva em uma dimensão relacional entre sujeito e mundo. A parte relacional "mundo" busca expandir os significados que podem ser construídos e entendidos por meio do objeto, enquanto uma das combinações dessa relação. Quando se assume a interferência das dimensões relacionais de diferentes esferas, busca-se lidar com determinadas contingências e variedades culturais das sociedades e da relação entre os seres humanos.

Da práxis à ressonância: uma concepção de *middle voice*

Como previamente explicitado, o conceito da ressonância expande os tipos de atividade formativa do ser humano, revelados por meio das esferas de ressonância; portanto, a sua proposta como modelo normativo da relação com o mundo não fica estagnada em um modelo uno da atividade formativa. Além disso, como uma relação fluida, que depende de movimento dialético em relação ao seu outro lado, a ressonância contempla uma mutualidade relacional entre o passivo e o ativo, procurando encontrar um mediador entre ambos que supere as concepções dualistas da descrição fenomenológica da nossa relação com o mundo.

Gostaríamos de esclarecer que essa leitura não anula completamente as concepções previamente desenvolvidas nos *Manuscritos*. Quando eles oferecem caminhos para interpretar a atividade constitutiva e formativa do ser humano como um processo de expressão, em que a ideia da criação pode ser entendida por meio da constituição relacional enquanto *poiesis*, há o reconhecimento de uma multidimensionalidade dos processos pelos quais o humano se forma. Sendo um fenômeno passível de observação através das experiências em primeira pessoa, a ressonância procura expandir sua dimensão relacional. O humano se relaciona de maneira total com o mundo em seu processo formativo, no sentido de que a sua mediopassividade permite visualizar o movimento relativo à formação do sujeito no mundo.

Porém, diferentemente do paradigma sujeito-objeto, procura-se enfatizar a afecção recíproca das partes relacionais. Como Rosa descreve, a relação ressonante não começa com "o sujeito fazendo algo" (Rosa 2025, 43) ou com o sujeito sendo simplesmente passivo. Dessa forma, descentraliza-se o objeto como mediador dessa relação e busca-se um intermédio entre as partes, ou seja, um mediopassivo. A categoria de mediopassivo (*Medio Passiv*), que Rosa vem tentando formular, é o eixo entre o ativo e o passivo (*zwischen Aktiv und Passiv*), é o modo como a mediação da relação ressonante acontece. Esse conceito, ao procurar uma alternativa para a ideia de relação dualista do sujeito com o objeto, indica que uma "*middle voice*" (Rosa 2023b, 9) circula entre as partes relacionais. O principal exemplo para ilustrar tal concepção é como algumas línguas não ocidentais ou contemporâneas usam a imagem de uma terceira voz *in between*.

Por último, chamamos atenção para o papel dos eixos da ressonância, que demonstra uma

[4] Uma dificuldade da teoria rosiana é localizar a dimensão em que o objeto ou os eixos verticais da ressonância recepcionam a afecção da relacionalidade mútua, tendo, assim, sua própria voz. As respostas de Rosa, nesse sentido, se asseguram nas concepções de "*strong valuations*" (Rosa 2023b, 4).

relação fluida em movimento e, portanto, não se centraliza no objeto. Os eixos de ressonância apresentam não somente a multiplicidade de combinações relacionais, como também a mutualidade afetiva entre eixos e suas esferas, que se entrecruzam.

Considerações finais

O diagnóstico de um déficit normativo na sociologia se apresenta também como um sintoma das transformações da sociedade acelerada, em que uma teoria sociológica necessita se informar normativamente para armar os argumentos da crítica. Um conceito para se pensar a boa vida, como a ressonância, pode ser imaginado pela produção sociológica na medida em que mobiliza e não exclui outras formas de reflexão sobre a sociedade.

O retorno a Marx aponta a existência de um projeto promissor para pensar nossa relação com o mundo e auxiliar na imaginação do que é a boa vida em face da atrofia das experiências no capitalismo. A ressonância carrega consigo uma maneira de atualizar parte desse projeto normativo, considerando a superação do paradigma sujeito-objeto pelo paradigma sujeito-mundo. Nesse sentido, a mediação do objeto é superada, enquanto as esferas de ressonância tomam o lugar da observação sociológica da relação formativa com o mundo.

Nos desdobramentos para o intermediário dessa relação mútua (*zwischen Aktiv und Passiv*), surge a concepção de mediopassivo, que procura superar o dualismo cartesiano, de modo a dar suporte para a avaliação da qualidade relacional dos sujeitos nas sociedades. O problema, sugerimos, é que tal concepção necessita de uma força sociológica maior, ou seja, ao mesmo tempo que pode ampliar o campo descritivo da experimentação relacional (englobando variações não eurocêntricas das formas de vida), não deve esvaziar o conceito de ressonância.

Portanto, o conceito de ressonância não é a resposta para resolver o déficit normativo sociológico, mas um dos caminhos possíveis para enfrentar os problemas da crítica aos diagnósticos patológicos e de alienação na sociedade. As limitações dessa teoria ainda se inserem no campo de uma construção mais clara de um projeto de emancipação na sociedade tardomoderna, mas há uma tentativa de fazer a crítica retomar os clássicos e suas preocupações, lidando frontalmente com a descrição de possíveis relações "positivas", vibrantes, que existem no mundo. Nossa reconstrução foca apenas uma das possíveis combinações, reconstituições e superações que essa teoria apresenta em relação a uma parte da teoria marxiana.

Referências

Arrighi, Giovanni. 1998. *A ilusão do desenvolvimento*. Vozes.

Beck, Ulrich. 1986. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. 2. ed. Editora 34.

Benhabib, Seyla. 1986. *Critique, norm, and utopia: a study of the foundations of Critical Theory*. Columbia University Press.

Boltanski, Luc and Laurent Thévenot. 1999. The sociology of critical capacity. *European Journal of Social Theory* 2(3): 359-377. https://doi.org/10.1177/136843199002003010.

Chanial, Philippe. 2018. The luminous side of the force of the social: a sociophilic tribute to Henri Raynal's cosmophilia. *Revue du Maus* 51(1): 271-286. https://doi.org/10.3917/rdm.051.0271.

Chernilo, Daniel. 2017. *Debating humanity: towards a philosophical sociology*. Cambridge University Press.

Heinich, Nathalie. 2005. As reconfigurações do estatuto de artista na época moderna e contemporânea. *Porto Arte* 13(22): 137-147. https://doi.org/10.22456/2179-8001.27910.

Honneth, Axel. 2007. *Disrespect: the normative foundations of Critical Theory*. Polity.

Kuhn, Thomas. 2017. *O caminho desde a estrutura*. Editora Unesp.

Marx, Karl. 2010. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Boitempo.

Rosa, Hartmut. 2019. *Resonance: a sociology of relationship with the world*. Polity.

Rosa, Hartmut. 2022. *Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna*. Vozes.

Rosa, Hartmut. 2023a. Best account: outlining a systematic theory of modern society. In *Late modernity in crisis: why we need a theory of society*, organizado por Andreas Reckwitz e Hartmut Rosa. Polity.

Rosa, Hartmut. 2023b. Resonance as a medio-passive, emancipatory and transformative power: a reply to my critics. *The Journal of Chinese Sociology* 10(16). https://doi.org/10.1186/s40711-023-00195-4.

Rosa, Hartmut. 2025. *Energia social: o elo perdido na Teoria Crítica*. Fundação Fênix.

Souza, José. 2024. *O avesso de Marx: conversas filosóficas para uma filosofia com futuro*. Ateliê de Humanidades.

Vandenberghe, Frédéric. 2012. *Uma história filosófica da sociologia alemã: alienação e reificação*. vol. 1. Annablume.

Vandenberghe, Frédéric. 2015. A sociologia como uma filosofia prática e moral (e vice-versa). *Sociologias* 17(39): 60-109. https://doi.org/10.1590/15174522-017003903.

Lara Bortolusci Leporati

Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil. Mestre em Ciências Sociais pela mesma instituição. Atualmente realiza doutorado sanduíche no Max-Weber-Kolleg, na Universidade de Erfurt, Erfurt, Thuringia, Alemanha.

Endereço para correspondência

Rua José Lourenço Kelmer, s/n

São Pedro, 36036-900

Juiz de Fora, MG, Brasil

Disponibilidade de dados

Não se aplica.

Conflito de interesse

Não há.

Como citar este artigo

Leporati, L. B. 2026. Da práxis à ressonância: caminhos para superar um déficit normativo. *Civitas*, 2026(1), e-ID48763. https://doi.org/10.15448/2178-5694.2026.1.48763.

Editoras da revista

Fernanda Bittencourt Ribeiro

Teresa Cristina Schneider Marques

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.